



O choro nas bandas de Diamantina: estudo das práticas musicais e registro de obras produzidas entre 1870 e 1920

Alaécio Geraldo Martins de Souza¹

UFRJ/MESTRADO

SIMPOM: *Musicologia*

alaeciotrombone@yahoo.com.br

Resumo: O século XIX, especialmente a segunda metade, é caracterizado, entre outros aspectos, pela criação musical brasileira nascida do encontro dos gêneros importados, como a polca e a valsa, com ritmos praticados no Brasil, notadamente os africanos. Essa criação brasileira toma vulto com as bandas de música, que executavam um repertório próprio, vasto e rico. O movimento de transformação dos gêneros europeus gera, no fim do século, o que veio a ser conhecido como *choro*. A produção musical nesses moldes, levada a cabo pelas bandas de música, foi responsável pela disseminação dos gêneros europeus transformados. Os músicos que atuavam em bandas possuíam habilidades de leitura e de escrita nas notações musicais formais, deixando registrada boa parte daquela produção. Muitas dessas partituras produzidas encontram-se ameaçadas de esquecimento, e outras estão irremediavelmente perdidas. O estudo do repertório do acervo em Diamantina tem como objetivo compreender a prática do choro naquela cidade, no final do século XIX e no início do século XX e conhecer os músicos e os compositores daquela época por meio de pesquisa do repertório escrito para bandas de música e documentos disponíveis em bibliotecas e bandas da cidade. Há uma importância histórico-musical na investigação desse repertório, para maior conhecimento da música e do choro em Minas Gerais, além de possibilitar um estudo da vivência musical durante a urbanização de Diamantina. O trabalho de resgate e catalogação desse material, o estudo aprofundado das suas origens e as possíveis ligações com o choro podem juntar-se ao material já existente sobre a música brasileira, aumentando o acervo de informações disponíveis sobre o tema e facilitando futuras pesquisas.

Palavras-chave: Choro; Edição de partituras; Repertório; Banda de música; Diamantina.

Choro in Diamantina Bands: a Study of Musical Practices and a Record of Works Produced between 1870 and 1920

Abstract: Brazilian music of the 19th century, especially in the second half, is characterized by the encounter of imported genres, notably polka and valsa, and rhythms played in Brazil, mainly of African origin. This Brazilian creation took shape with bands that had their own vast and rich repertoire. This movement to transform European genres at the end of the century created what is now known as *choro*. Musical production done by the bands of this time caused the dissemination of these transformed European genres. The musicians who

¹ Orientadora: Ermelinda Azevedo Paz Zanini.

played in the bands of this time were able to formally read and write music, which left records of a considerable amount of the music produced. Many of the scores are now forgotten or lost. The purpose of the study of the collection of repertoire in Diamantina is to understand how *choro* was played in the city between the end of the 19th and beginning of the 20th century, as well as recognize the musicians and composers of the period by studying the repertoire written by musical groups and documents found in the city. The study of this repertoire has a strong historical importance for Minas Gerais' music and also for studies of the musical scene during the urbanization of Diamantina. The study here suggested, rescuing and cataloging this material, as well as a deeper study of the origins and possible connections with *choro*, can be joined with existing material concerning Brazilian music, increasing the wealth of available information and facilitating future studies.

Keywords: Choro; Sheet Music Editing; Repertoire; Musical Band; Diamantina.

1. Introdução

O presente trabalho apresenta um estudo em desenvolvimento sobre a prática musical em Diamantina, no final do século XIX e no início do século XX. O objetivo é compreender a prática do choro na cidade e conhecer os músicos e os compositores daquela geração por meio de pesquisa do repertório escrito para bandas de música, disponível em biblioteca e bandas.

Em virtude da exploração de pedras preciosas, o antigo Arraial do Tejuco, posteriormente Diamantina, constituiu-se num polo que atraiu atividades paralelas à mineração. Diamantina, como lugar de várias atividades comerciais, certamente, tinha uma vida cultural intensa, e a música era parte importante dessa sociedade, principalmente pela atuação das bandas musicais (MENESES, 2000). Registra-se que, já no século XIX, Diamantina tinha duas bandas que rivalizavam entre si, em qualidade de som e repertório: a Corinho e a Corão (FERNANDES, 2007, p. 90). Após a dissolução da banda Corinho, seu acervo foi doado ao Asilo Pão de Santo Antônio e, posteriormente, levado para a Biblioteca do Palácio Episcopal de Diamantina, sob responsabilidade do projeto *Portal Polo Jequitinhonha* e coordenação do professor Maurício Freire. O repertório que pertencia à banda Corão, também após a sua dissolução, foi doado à banda Euterpe Diamantinense em atividade desde a década de 1920. Além disso, Diamantina tem a banda-escola mirim Prefeito Antônio de Carvalho Cruz com jovens de até 18 anos e a banda do Terceiro Batalhão da Polícia Militar, que é a mais antiga da corporação no estado de Minas Gerais.

Em uma visita preliminar aos arquivos, percebeu-se um acervo digno de pesquisa mais cuidadosa. Há grande variedade de gêneros, alguns ligados diretamente ao universo do choro, tais como, a *habanera*, o lundu, a polca, o tango brasileiro, o maxixe (todos em 2/4), a

valsa e a mazurca (ambas em 3/4), o *schottisch* (em 4/4) e a quadrilha, composta de cinco movimentos: I e III em 6/8 e II, IV e V em 2/4 CAMPOS (2006).

A proximidade estilística ao gênero *choro* de algumas obras conhecidas desse período leva a pensar que o mesmo movimento a culminar na formação dessa música brasileira, na cidade do Rio de Janeiro, pode ter acontecido em outras cidades, como, por exemplo, Diamantina. Os músicos que atuavam em bandas possuíam habilidades de leitura e de escrita nas notações musicais formais, deixando registrada boa parte daquela produção. Não seria presunçoso pensar esse material como patrimônio musical brasileiro, visto que há nele uma força de coletividade e o trabalho de música em conjunto como “guardião” de práticas musical e social centenárias. Segundo Sandroni (2008, p. 7):]

Ao registrar determinados repertórios e manifestações culturais como patrimônio imaterial do Brasil, o Estado brasileiro está também reconhecendo oficialmente (não sem certo paradoxo, aliás) o pertencimento destes bens culturais a determinadas comunidades ou grupos. (SANDRONI 2008, p. 7.)²

2. As bandas e a biblioteca de Diamantina

Os arquivos citados neste trabalho pertencem a instituições públicas, biblioteca e bandas de música em pleno funcionamento, apesar da falta de recursos e da precariedade. Faremos breve explanação sobre os arquivos da Banda de Música da Polícia Militar de Minas Gerais, da Banda Euterpe Diamantinense e da Biblioteca do Palácio Episcopal de Diamantina.

2.1 A Banda de Música da Polícia Militar de Minas Gerais

Lotada no 3º Batalhão de Polícia de Minas Gerais (BPMMG), na cidade de Diamantina, a Banda de Música do 3º BPMMG foi fundada em 1891, com músicos pertencentes às bandas Corinho e Corão. Sua atuação teve altos e baixos pelo fato de os músicos serem militares e, vez ou outra, serem chamados para funções extramusicais, como relata Fernandes (2007, p. 62): “no entanto, exatamente em função das obrigações militares, oscilou entre ciclo de ausência e presença nas manifestações culturais da cidade”.

A banda tem, atualmente, o corpo de 22 músicos, sendo o regente, na hierarquia, o superior, o tenente, e os demais músicos, subtenentes, sargentos, cabos e soldados. Um estudo mais aprofundado faz-se necessário para melhor entendimento do funcionamento da banda do BPMMG, mas, no momento, fugiria às intenções desta pesquisa.

² Diferentemente do paradoxo mencionado por Sandroni (2008, p. 7), segundo o qual o reconhecimento de bens como patrimônio nacional não tem alto grau de difusão no território brasileiro, no caso do repertório de bandas, há grande possibilidade de conhecimento, intercâmbio e divulgação da prática do choro em Diamantina e em Minas Gerais.

O acervo encontra-se em armários organizado por ordem alfabética em quatro pastas temáticas, a saber: músicas populares (nacional e internacional), dobrados, hinos (patrióticos e litúrgicos), além de clássicos e eruditos (tangos e valsas). Na pasta *Músicas populares*, encontram-se peças do vasto cancioneiro da música popular brasileira e da música internacional, adaptadas e arrançadas. Na pasta *Dobrados*, estão todas as músicas do gênero, além dos dobrados militares, sinfônicos e das marchas americanas. Na pasta *Clássicos e eruditos (valsas e tangos)*, há músicas do repertório sinfônico orquestral adaptadas para banda. Além disso, há *overtures*, sinfonias, fantasias, trechos de óperas e músicas do gênero *choro*, que são alvo desta pesquisa.

Do repertório pesquisado foram selecionadas músicas que se encontram sob a forma de manuscritos. Algumas não foram selecionadas pelo estado avançado de decomposição do material, o que implicaria um trabalho mais cuidadoso de restauração. As músicas foram escaneadas, e seus originais encontram-se em seus arquivos. De todo o repertório, foram selecionadas 26 músicas, sendo, 10 tangos, 8 polcas, 3 valsas, 3 quadrilhas, 1 *polaka* e 1 *schottisch*.

2.2 A Banda Euterpe Diamantinense

Formada por músicos civis remanescentes na cidade, a Banda Euterpe Diamantinense foi fundada pelo músico militar Manoel José Nobis no dia 21 de fevereiro de 1927, tem a custódia da Prefeitura Municipal de Diamantina e surgiu, para preencher a lacuna deixada pela Banda Militar, visto que os músicos militares eram convocados para participar dos movimentos revolucionários do período (FERNANDES, 2007, p. 111). Durante sua trajetória, em razão de várias mudanças de sede, muito se perdeu do repertório doado pela banda Corinho, citada anteriormente. Outro fator para a perda desse material, segundo os músicos mais antigos, ocorre pela prática de troca de repertórios e pela doação das peças sem o resguardo de uma cópia. Atualmente, a banda apresenta-se em procissões, missas e concertos ao ar livre. Em seu repertório, constam músicas do cancioneiro popular brasileiro e internacional, dobrados, adaptações de aberturas de óperas e valsas. O acervo localiza-se em armários de metal, em envelopes e pastas, sem ordem cronológica ou alfabética.

2.3 A Biblioteca do Palácio Episcopal de Diamantina

Situado na Rua do Contrato, número 104, o casarão-sede da Arquidiocese de Diamantina, o Palácio Episcopal, foi fundado pelo Papa Pio IX em 1854. Abriga, além da morada do arcebispo de Diamantina, o Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Diamantina, a

Cúria de Diamantina e a Biblioteca, onde, entre os importantes documentos, estão partituras de cunho religioso e profano.

Todo o acervo que pertencia à banda Corinho e que estava no Asilo Pão de Santo Antônio foi levado para a Biblioteca do Palácio sob a responsabilidade do projeto *Programa Polo Jequitinhonha: acervo de partituras históricas de Diamantina: pesquisa, recuperação e integração musical*, que não concluiu a pesquisa. O acervo encontra-se em um armário de madeira, separado em diversos fardos, sem divisão por gênero ou estilo, e não há um índice dos títulos, sendo necessário olhar um a um, para saber o que há neles. Para este trabalho, há grande quantidade de músicas que pertencem ao gênero *choro*, porém, além das dificuldades relatadas, encontramos outra, que é a alta taxa cobrada, para copiar os documentos de pesquisa.

3. As partituras

Todo o repertório selecionado apresenta-se sob a forma de manuscritos, sem a grade³. Há, somente, as partes cavadas de cada instrumento, muitas incompletas e com modificações exógenas, como rasgos, ação de insetos, umidade e fogo, corrosão da tinta, extravios de fólios e de partes cavadas.

O material sofre danos com o passar do tempo e é armazenado sem os devidos cuidados para a conservação. No entanto, não há pretensão de resgate histórico dessas partes, mesmo porque, apesar de estarem em péssimo estado de conservação, estão sob custódia das citadas entidades. Há, sim, o objetivo de conhecer as melodias presentes nos textos musicais, os compositores, os locais onde a música era tocada e o porquê de não se praticar mais esse repertório. Possivelmente, entre os motivos, seriam as modificações exógenas, que dificultam o entendimento do texto musical.

Carlos Alberto Pinto Figueiredo, em seu livro *Música sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX, teorias e práticas editoriais*, e Paulo Castagna, no artigo *A musicologia enquanto método científico*, propõem diferentes vertentes metodológicas para edição que são referências a este trabalho. Segundo Figueiredo (2014, p. 45):

Editar é estabelecer um texto resultante da pesquisa e da reflexão em torno das fontes que o transmitem e que seria o exemplar utilizado para a impressão (...) a diferença fundamental reside no fato de que a cópia é resultante de necessidade prática, imediata e momentânea, enquanto a edição, seja de que tipo for, é resultante do processo de pesquisa e reflexão do editor. (FIGUEIREDO, 2014, p. 45.)

³ A grade é a parte do maestro com todos os instrumentos grafados.

Segundo Castagna (2008, p. 23), a pesquisa arquivística, entretanto, é fundamental quando se pretende conhecer o cotidiano da atividade musical, as relações profissionais entre músicos, as funções das obras musicais e outros aspectos mais explorados em investigações musicológicas.

A edição crítica investiga e procura registrar a intenção de escrita do compositor mediante o que está fixado nas fontes que transmitem a obra a ser editada. É essencialmente musicológica e baseia-se em várias fontes (FIGUEIREDO, 2014, p. 93).

A edição prática, ou didática, é destinada, exclusivamente, a executantes. É baseada em fonte única, em qualquer fonte, com utilização de critérios ecléticos para atingir seu texto. Cumpre, assim, a função de registro gráfico de obras que, sem elas, permaneceriam desconhecidas dos intérpretes e do público (FIGUEIREDO, 2014, p. 66).

3.1 Modificações exógenas

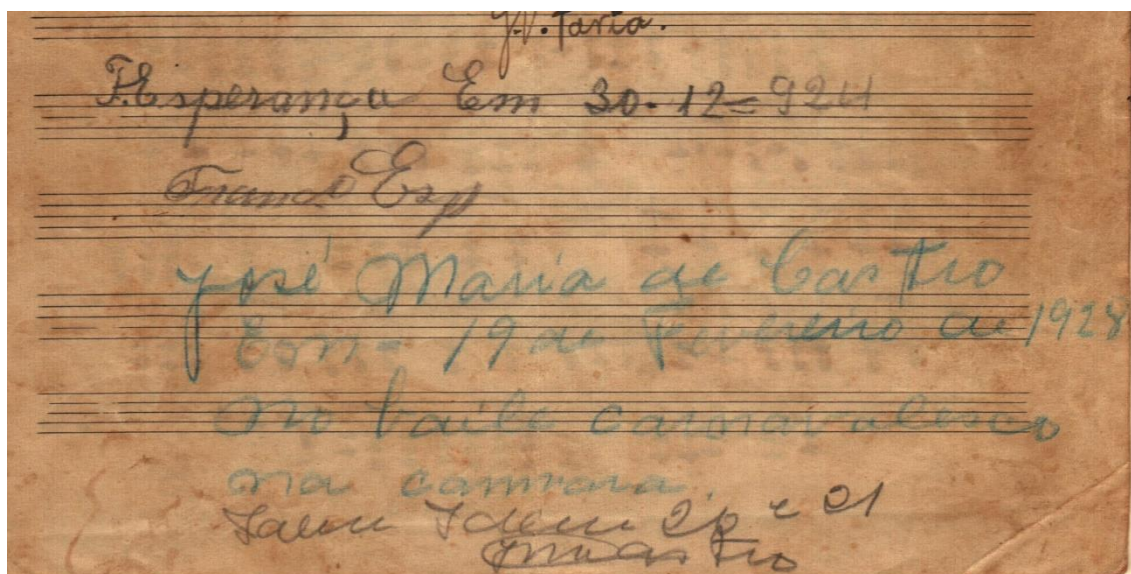
Vários tipos de modificações exógenas foram encontrados. A figura 1 mostra um rasgo. A figura 2 expõe uma rasura. A figura 3 apresenta informações extramusicais.



Fig. 1: Fotografia de rasgo em partitura de 1890. Quadrilha Súplica a Euterpe, João Batista de Macedo. Acervo da Banda da Polícia de Diamantina



Fig. 2: Fotografia de rasura sem data. Quadrilha Os rufos. Acervo da Banda da Polícia de Diamantina.



**Fig. 3: Informações sobre onde e quando as peças foram tocadas.
Acervo da Banda da Polícia de Diamantina.**

4. Conclusão

O choro alastrou-se pelo Brasil em fins do século XIX e início do XX, não só pelo tradicional modelo de grupo regional, ou seja, violão, cavaquinho, percussão e algum instrumento solista, como também por significativa produção para bandas de música. Em Diamantina, especialmente, há registro dessa prática musical em partituras e outros documentos disponíveis em arquivos públicos. Há muito a descobrir-se e pesquisar-se nesses arquivos, e, como nos revela os documentos selecionados, a necessidade de tratamento desse material é urgente, a fim de resguardar informações dessa prática musical centenária, patrimônio nacional que é difundido espontaneamente e evidencia a cultura popular e erudita dos recônditos brasileiros.

Referências

- CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*. Pelotas, nº1, 2008, p. 7-31.
- FERNANDES, Antônio Carlos; CONCEIÇÃO, Wander J. La MezzaNotte. *O lugar social do músico diamantinense e as origens da vesperata*. Diamantina: UFVJM, 2007.
- FIGUEIREDO, Carlos Alberto. *Música sacra e religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX: teorias e práticas editoriais*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 2014.
- MENESES, José Newton Coelho. *O continente rústico: abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas*. Diamantina: Maria Fumaça, 2000.
- SANDRONI, Carlos. Propriedade intelectual e música de tradição oral. *Revista Cultura e Pensamento*. 3. ed. 2008.